Os ferroviários do Estado, na reunião ontem realizada no Barreiro, declararam-se dispostos a assumir perante o govêrno uma atitude enérgica, se êle não atender as suas reclamações.

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO III — Número 945

Quarta feira, 21 de Dezembro de 1921

PREÇO $10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º ◇ Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhaba-Lisboa ◇ Telefone 5339-C

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

As perseguições em Espanha

Os trabalhadores de Espanha, aos seus companheiros de todo o mundo

Vivemos sob o regime da mais odiosa tirania. Atravessamos uma situação trágica.

As nossas organizações foram completamente dissolvidas e os nossos mais dedicados camaradas encarcerados, deportados ou assassinados covardemente. Um bando de assassinos desempenha com zêlo a sua função sinistra, que não passa um dia que um militante não seja assassinado.

A perversidade dos assassinos atingiu o máximo. A princípio limitavam-se a encarcerar os militantes. Quando as prisões estão atulhadas, inventa-se então um sistema de deportações.

Grupos de dez, vinte ou trinta camaradas, algemados, percorrem diàriamente, trinta ou quarentá quilómetros, de cárcere em cárcere.

Esta odissea não conseguiu exterminar o valor, a fé e o entusiasmo dos militantes revolucionários. Os sefrimentos fazem aumentar ainda mais o amor pela causa e ódio pelos que os perseguem com refinada crueldade.

Quando os verdugos compreenderam que as torturas não conseguiam desanimar os revolucionários, recorreram ao assassinato.

Supunham que o pânico se apoderaria dos raros que ficavam em iberdade e o movimento operário ficaria aniquilado definitivamente

Porém, o seu procedimento monstruoso contribuiu para aumentar o esfôrço dos que não estavam encarcerados.

A indignação dos que escaparam era grande e não receavam que soasse para êles a hora do sofrimento.

A crueldade foi aumentando. A princípio os militantes eram assassinados a tiro. Mas os verdugos refinaram... Agora querem comprazer-se com o martírio das vítimas.

As torturas inquisitoriais renasceram e aumentaram em crueldade.

Muitos camaradas teem sido encontrados com a cabeça esmagada, os olhos queimados e os testículos arrancados.

Os que se encontravam encarcerados eram libertados à meia noite, para serem mortos.

Sob outros está suspensa a ameaça da liberdade que equivale à morte. Aplicam-se também injecções venenosas para êles morrerem lentamente, a fim da sua morte parecer natural.

Em Espanha os nossos sofrimentos não encontram eco. A burguesia sorri satisfeita supondo haver evitado o perigo da sua queda.

Entre os intelectuais não se fez nenhum protesto semelhante ao de Tolstoi, que fez estremecer a Europa.

Estamos isolados, em luta contra um inimigo que se dispoz a exterminar-nos.

Camaradas da Europa e de todo o mundo, auxiliai-nos.

Planeia-se friamente o assassínio dos militantes operários.

Tendes o dever de nos socorrer.

Esperamos que não assistam impassíveis ao desaparecimento duma legião de lutadores que prefere a morte a submeter-se ao jugo capitalista.

A Confederação Nacional do Trabalho.

O Grupo "Seara Nova" — e a — Situação política

O sr. Augusto Casimiro, membro da «Seara Nova», convidado para assumir o cargo de governador civil de Lisboa, declinou o convite, levado pelas razões que norteiam a acção do mesmo grupo. Como essa resolução foi tomada de comum acôrdo com êsse grupo e uma parte do público podia interpretá-la como divergência ao actual govêrno, a «Seara Nova» declara que, ao contrário, confia inteiramente no actual ministério para resolver a missão especial a que foi chamado. O motivo que levou o sr. Augusto Casimiro a recusar êsse convite está em que a «Seara Nova» não exercerá missões ou delegações de caracter político, emquanto o seu programa não fôr totalmente exposto e não tiver condições de realização.

A confiança do grupo «Seara Nova» num ministério, sem programa, sem ideas, nascido da reacção produzida pela última balbúrdia revolucionária, faz-nos pensar que não está muito longe daquele oportunismo que é uso manejar-se para se conquistar essa cidadela do «posso, quero e mando» que é no fim de contas o Terreiro do Paço.

A carácter...

O capitão tenente sr. Procópio de Freitas, pediu ontem para lhe ser passada guia para o departamento marítimo do Centro, a fim de reassumir o seu cargo de comandante da polícia marítima.

Apezar da sua entrada activa na política, entrada retumbante e ribombante pela sua acção no movimento outubrista, o sr. Procópio de Freitas, regressa à mesma situação.

Não chegou a ministro.

Era chefe de polícia marítima, e voltou novamente a sê-lo.

Pois se lhe está a carácter...

Medida que se impõe

O alto comissário de Moçambique propôs para que o vencimento do engenheiro director dos Caminhos de Ferro e pôrto de Lourenço Marques, seja fixado em 6.300$00 ouro.

Seria conveniente que o alto comissário se não esquecesse de aumentar os salários ao pessoal operário.

Para êle, também está a vida cara. Ou não?...

Trabalhadores: Lêde e propagai A BATALHA

A carestia da vida

Uma reúnião do Sindicato Unico da Construção Civil

Para assentar na acção a desenvolver contra a infame ganância do comércio, que nos últimos tempos atingiu a proporção duma formal condenação à morte de toda a família trabalhadora, reúne hoje, pelas 20 horas, em assembleia geral, o Sindicato Unico da Construção Civil.

Esta assembleia é para tratar exclusivamente dêste momentoso assunto.

Arsenal da Marinha

Foi autorizada a Direcção das Construções Navais a contratar 10 calafates durante 20 dias úteis, exclusivamente para os calafetos no cruzador «Vasco da Gama». Os operários contratados devem vencer 11$00 de salário e seguem o horário fabril sendo o seu serviço feito no mar.

— Está aberto concurso entre os chegadores para preenchimento de duas vagas no quadro de fogueiros, resultantes da reforma de dois dêstes camaradas.

Os requerimentos dos concorrentes deverão ser entregues na secção de fogueiros e chegadores até ao dia 10 do próximo mez de Janeiro.

Escolas Primárias Superiores

Para tratarem de assunto urgente e importante, reúnem hoje, pelas 19 horas, na Universidade Livre, Praça Luís de Camões, 46, 2.º, os pais dos alunos das escolas primárias superiores. Esta reúnião é promovida pela Comissão eleita em Outubro.

Conferências

Seguros Sociais Obrigatórios

Na União Escolar Estrangeirense, realizou hoje uma conferência, sôbre os Seguros Sociais Obrigatórios, o professor sr. Ladislau Batalha.

INSTRUÇÃO

A direcção da União do Professorado Primário Oficial conferenciou ontem, demoradamente, com o ministro da instrução, sôbre diversas reclamações da classe, aventando entre estas as que respeitam à reorganização dos serviços das inspecções e juntas escolares.

Funcionalismo público

O sr. ministro das finanças está-se ocupando da situação do funcionalismo público, tencionando publicar nos primeiros dias de Janeiro próximo um decreto em que os vencimentos dos funcionários civis do Estado são melhorados.

Página escolhida

A produção e distribuïção

A produção é insuficiente e urge aumentá-la. De acôrdo.

Mas porque não se produz hoje mais? Porque há tantas terras incultas e tantas mal cultivadas? Porque tantas máquinas paradas? Porque tantos operários desocupados? Porque não se fazem casas para todos, vestuário para todos, etc., visto que abundam os materiais e os homens aptos e desejosos de os utilizar?

O motivo é óbvio e não parecerá novo a quem quer que se diga socialista. E vem a ser que os meios de produção — solo, materia prima e instrumentos de trabalho — não estão nas mãos de todos os que teem necessidade dos produtos, mas ao contrário, pertencem como propriedade particular a um pequeno número de pessoas que se serve deles para fazer trabalhar os mais por sua conta, na quantidade e forma que ao seu próprio interêsse convém.

Hoje o homem não tem direito a alguma parte dos produtos pelo facto de ser homem; se come e vive é unicamente porque o capitalista, o possuidor dos meios de produção tem interêsse em fazê-lo trabalhar para o poder explorar.

Ora ao capitalista não convém desenvolver a produção além de certo limite, e portanto é interessado em que haja sempre uma relativa carestia. Por outras palavras, o capitalista para produzir emquanto pode vender os produtos mais caro do que lhe custaram e aumentar a produção a fim de que paralelamente aumentem os seus ganhos; quando vê, porém, que para vender há de reduzir em demasia os preços e que a abundância conduziria a uma diminuição absoluta de lucros, retém a produção armazenada — como sucede mil vezes, — destroi uma parte dos produtos disponíveis para aumentar o valor da parte restante.

Por conseguinte, se se pretende que a produção cresça de tal modo que chegue a satisfazer plenamente as necessidades de todos, é forçoso que ela seja dirigida no sentido da necessidade de satisfazê-las e não pelo proveito especial de alguns. E' preciso que todos tenhamos direito a gosar dos produtos e preciso que todos tenhamos direito a usar dos meios de produção.

E. MALATESTA

Disciplina de caserna

Contam-nos que em um regimento da província, onde se têm apresentado alguns desertores, estes, além de terem que ir imediatamente para o serviço, ainda são maltratados pelos oficiais, especializando um senhor major, que não contente em os castigar à mais pequena falta, ainda os ameaça constantemente com o forte de Elvas, chegando ao desplante de castigar um tenente com dois dias de prisão por proteger um desses soldados.

Não haveria forma de pôr termo a semelhante injustiça?

Professorado primário

Da União do Professorado Primário Oficial pedem-nos a publicação da seguinte nota:

«A Comissão Executiva da União do Professorado Primário Oficial conferenciou ontem demoradamente com o ministro da instrução, àcêrca de vários assuntos de interêsse para a escola popular, e entre êles, principalmente sôbre o decreto n.º 7867 (administração e fiscalização escolares) protestando em nome da classe contra tal decreto que só veem desorganizar ainda mais os serviços da instrução.

O ministro, tendo ouvido atentamente as opiniões expostas pela Comissão Executiva, com as quais, em grande parte concordou, respondeu que resolveria o assunto que já estava estudando, de maneira a satisfazer, tanto quanto possível, as aspirações do professorado.

Entretanto manter-se há o *statu quo ante* em relação às juntas escolares.»

A Novela Vermelha

Já se encontra à venda

A Sciência redentora

POR

José Benedy

que constitue o n.º 8 da *Novela Vermelha*, edição de *A Batalha*.

"A BATALHA" EM ALFAMA

O ambiente doentio — As ruas tortuosas encobrem o sol purificador — As proesas dos senhorios

Quando entrámos no bairro de Alfama, dir-se-ía que o dia sombrio e húmido, mais sombrio e mais húmido se tornara. As ruas estreitas, tortuosas e sujas, os prédios antigos de paredes altas faziam sombra, sombra espessa, que regela a alma.

Rua de S. Miguel fora — e eis-nos no centro do bairro de Alfama, o bairro mais velho de Lisboa. Alfama é um mundo àparte, um mundo curioso que o lisboeta não está habituado a viver. E' um mundo misterioso de onde veem as queixumes e onde o povo revoltado medita a sua colera, a colera bemdita que nos dá os gestos heroicos, plenos de Beleza. O povo ali, também, parece outro, temos mesmo a impressão quando entramos em Alfama que o nosso ser sofre modificações profundas. Aquelas vielas acanhadas, de onde muito a custo se vislumbra uma nesga de ceu, lá em cima, tam distante, as portas baixas que escancaradas como guelas diabolicas, só nos deixam ver a escuridão, a escuridão profunda e pegajosa, onde o povo habita, essas portas abertas que lembram bocas cujas bafejadas fétido de morte, tudo nos causa uma melancolia pesada, sem pensamentos ágeis; tudo nos entristece e nos provoca um aborrecimento incencível de viver.

E' esta a impressão horrível que o visitante desprevenido traz de Alfama quando pela primeira vez lá entra.

Alfama é um corpo doente que necessita ser tratado — Uma habitação imunda como quási todas as habitações daquele bairro

Só uma boa hora passada, começámos a pensar e o nosso pensamento de revolucionários pedia insistentemente um remédio para aquele cancro — cancro pestilento num flanco da cidade — apenas a destruição nos aparecia como remédio infalível, como ao médico muitas vezes só o cautério lhe surge como esperança de cura.

Alfama é um bairro doente, doente de miséria. Numa cidade onde há bairros sumptuosos de moradias arejadas, onde ar e o bem-estar beneficiam as almas e revigoram os corpos, Alfama é um crime, um abjecção. Alfama é o crime tremendo dum tantos egoistas que vivendo dela, explorando-lhe a miséria, se rodeiam de confortos.

Vencendo a nossa repulsa começamos a analizar Alfama, a oscultar o doente. Penetramos em algumas habitações. Não são habitações. Há cocheira de casas ricas, onde se respira mais livremente e onde a luz, a luz purificadora, dá aos animais a alegria que naquelas tristes casas de Alfama não teem.

Estivemos na rua da Regueira, onde o sol poisa de fugida, medroso de tocar a miséria e a podridão. Entramos por uma porta baixa e enegrecida, cuja humeira nos obrigava a baixar a cabeça. Trevas. Minutos depois, quando os olhos já estavam habituados, distinguimos o leito miserável a esbater-se num recanto obscuro e sujo. O fétido provocava vómito. Interrogamos a dona da casa:

— Quantos compartimentos tem.

— Dois — respondeu desconfiada. — Temos dois e saguão. O saguão serve apenas para fazer os despejos.

— Os dispejos? — fizemos admirados.

— Sim, como o senhorio não manda desentupir a retrete...

— Compreendemos então, porque motivo as epidemias invadem constantemente o bairro de Alfama.

O sr. Freire gravador explorando ignobilmente os seus inquilinos de Alfama — 50 escudos por três cubiculos

Saimos e respiramos fundo, já o ar nos faltava naquêle túmulo. E há quem vive uma vida inteira naquelas cavernas!

Fomos bater a outra porta, um primeiro andar, na mesma rua da Regueira, n.º 66. O prédio pertence ao sr. Freire, gravador muito conhecido em Lisboa pela tirania que exerce sôbre os inquilinos.

Abriu-nos a porta uma mulherzita, em cujo rosto se liam desgostos, ocasionados sabe-se lá por que sofrimentos.

— Diga-me, minha senhora, quanto paga de renda?

A mulherzita hesitou, olhou-nos desconfiada e, tomando-nos talvez, por algum enviado do rapinante senhorio, lamuriou:

— Descance, descance que não lhe vimos pedir dinheiro. Pretendemos apenas saber quanto pega.

— Olhe — disse Maria José de Oliveira, mais confiante — eu pago aqui cincoenta mil reis.

— Cincoenta mil réis! Vimos as casas. Três compartimentos sombrios, o sobrado quási a desconjuntar-se, os tectos baixos, uma janela sem resguardo nas trazeiras.

Tivemos a impressão de que o sr. Freire, gravador, era uma espécie de polvo colossal e impiedoso que estendia os tentáculos até Alfama e sugava os restos que ficavam de toda aquela miséria.

Continuaremos a tratar do assunto e a pôr em relevo mais algumas proezas do tal Freire gravador.

Rebeldias

Os novos querem entrar para a Sociedade das Belas Artes e o sr. Bermudes, um velho, reliquia sem gloria de ideas, processos e atitudes antiquadas, opõe-se à sua sua entrada.

Não posso requisitar lugar num museu para o sr. Bermudes, porque não vejo que espaço ele lá poderia ocupar. Desconhecendo-lhe a obra e desta ignorancia compartícipam muitos, o sr. Bermudes, na minha opinião, só podia servir como peeira num museu.

Porém não acho possível transformar um homem, embora esse homem seja o sr. Bermudes, em peeira...

E se o achasse possível não seria capaz de o realizar. Além de que nem eu sou Landru, nem o sr. Bermudes é mulher...

Por isso o melhor meio de combater o sr. Bermudes, é ainda considerá-lo simplesmente... Bermudes.

Para individuos com quem os trinta anos ainda não se intrometeram, é facil arredar o pedregulho que impede o transito.

Liquidado o sr. Bermudes, o que é facil, importa analisar o que farão os novos, quando tenham conquistado essa cidadela de estupidos preconceitos burgueses que é a Sociedade Nacional das Belas Artes.

Não se abrem as portas e as janelas dessa Sociedade, com dispendio razoavel de energia física e mental, para que a asneira entre livremente e lá fique predominando.

Para isso ainda lá estão o sr. Bermudes e um vago comerciante da Baixa. Importa portanto que os novos, venham dizer a todos, o que pensam edificar desde que consigam demolir o que se lhe opõe.

E só assim o público, ficará conhecendo exatamente, que a questão da Sociedade das Belas Artes gira em volta de ideas que se chocam, e não em nome de diferenças de idade que se desfadam..

Porque se entre velhos e novos existisse apenas a dividi-los a idade, estes novos não passariam de candidatos a velhos, com febril pressa de herdar, aquilo que aos velhos, legitimamente pertence pela logica do seu passado e da sua idade...

Cristiano LIMA

U. S. O.

Movimento pró-barateamento da vida

Para continuação dos trabalhos a levar à prática para conseguir o barateamento da vida, reúnem àmanhã, pelas 20 e meia horas, o conselho de delegados e as direcções dos seguintes sindicatos: Caixeiros, Barbeiros, Compositores Tipográficos, Trabalhadores Rurais, Litógrafos e Anexos, T. de Imprensa, Carruageiros, Pessoal Extraordinário dos Tabacos, Condutores de Carroças, Manipuladores de Borracha, Impressores Tipográficos, Empregados de Escritório, Pessoal do Depósito Central de Fardamentos, Operários das Oficinas da Alfandega, Tanoeiros, Profissionais Culinários, Correeiros, Confeiteiros e Pasteleiros, Carpinteiros Navais, Operários dos Tecidos de Seda, Distribuidores de Jornais, Marinheiros e Moços da Marinha Mercante, Cozinheiros e Criados Portugueses da Navegação Estrangeira, Operários do Município e Mecânicos de Açucar.

O Estado caloteiro...

Os credores dos Transportes Marítimos do Estado, tanto nacionais como estrangeiros, teem instado com o govêrno para que, quanto antes sejam satisfeitas as quantias que lhes são devidas.

Revulsivos

«Coisas d'Arte» deram azo
A um comício recente
Em que se viu o atrazo
Da maior parte da gente
Mais entendida, no caso

Pelo que li nas gazetas
Cheguei eu à conclusão
Que os artistas lisboetas
Pretendem a selecção
Entre *jarros* e *farretas*.

No comício sobredito,
Abusando da palavra,
Muito «menino bonito»
Impingiu, da sua lavra,
O palavrão exquisito.

Dêsse acto ao decurso
E quando o Mário Domingues
Encetava o seu discurso,
Como quem diz: — não respingues —
Mandaram calar o *urso*

Mas o rapaz tem recursos
E, apesar do libiano,
Fez o melhor dos discursos,
Provando ao *grêgo* e ao *troiano*
Que na Lisboa não há ursos.

I. B.

PROBLEMAS DE ORGANIZAÇÃO

A federação de transportes

Tencionamos tratar de outras questões de organização. Mas antes disso somos forçados, ainda uma vez, a tratar da organização de transportes, apesar de não ter sido essa a nossa intenção, ao terminarmos o último artigo sôbre este assunto.

Não é porque a questão ficasse bem, ou mesmo suficientemente esclarecida. Os máximos esclarecimentos que em organização se possam obter são aqueles que a própria experiência indica no decorrer do tempo.

Acresce a circunstância, muito importante, de terem de se pronunciar os organismos de transporte, ou os seus representantes, e não nos cabe a nós a missão de indicar todas as particularidades e pormenores — que só os interessados conhecem — para se chegar a uma conclusão aceitavel, quanto a esta organização.

Além disso, como dissemos, uma comissão da Secção das Federações da C. G. T. está encarregada de estudar as bases dessa organização, em conjunto com uma comissão da Federação Marítima, enquanto que, pelo que respeita ao pessoal das Carris de Ferro em relação à futura Federação Ferroviária, é tambem assunto dependente da conclusão a que cheguem a comissão organizadora do congresso ferroviário e a Secção das Federações. Estas razões influirem poderosamente para não concretizarmos uma opinião, como nota camarada Miguel Correia. Mas não foram apenas estas. Atendemos exactamente «à estrutura orgânica, moral, profissional e industrial de cada classe» para se constituir a Federação Geral de Transportes.

O maior óbice que se nos apresenta, são efetivamente, as tendências morais de cada classe, que se entrechocam e que não permitem uma maior inteligenciação.

Mas êsse óbice subsistirá mesmo depois de criadas possiveis federações profissionais ou de ramo, porisso que o amor próprio de cada classe que agora se nota, talvez se arregue ainda mais dificultando, depois como agora, a constituição duma federação geral.

Quer isto dizer que não concordamos com a constituição da Federação Ferroviária?

Longe disso. Achamos apenas inviável e inconveniente mais duas federações de transporte, uma urbana — incompleta, se o pessoal das carris de ferro ingressar na futura Federação Ferroviária — e outra de mar. As razões já as expusemos.

Deverá a Federação Marítima conservar a sua actual estrutura? Mas como, se, presentemente, há classes do mar que não ingressam senão numa federação de transportes de terra e mar? E já se reparou nas diferentes condições industriais das classes que trabalham no mar?

Há as classes fluviais, dos portos e docas (terra e mar), as classes de longo curso (e nestas uma de terra e mar) e de classe piscatória. Esta, então, é inteiramente diferente das restantes. Com propriedade não poderá ser considerada de transportes. A sua indústria é a pesca, sendo o serviço de transporte apenas um trabalho complementar da mesma, tal e qual como acontece com diferentes indústrias em terra, especialmente as caseiras, cujas operárias transportam a sua produção para os ateliers, onde êsses produtos são iniciados ou acabados.

A transformação da Federação Marítima em Sindical Nacional (estrutura orgânica inaceitável dentro do espírito federalista da nossa organização) daria em resultado a criação de alguns. E essa tendência não é, aliás, nova, pôsto que os fogueiros de mar e terra, os Marinheiros e Moços da Marinha Mercante, etc., já o tentaram, com a organização de secções das suas associações em diferentes pontos do país, exactamente por não existir a respectiva Federação de Transportes de Terra e Mar.

Ora, porque não se há-de, desde já, dar a esta organização a directriz lógica que deve ter? Para quê dois trabalhos, pêrda de tempo, de energias, com a agravante de novas complicações?

Achamos que não é possível neste momento dar à organização ferroviária uma directriz diferente daquela que lhe está sendo dada, excepção feita ao pessoal das carris de ferro. Parece-nos, tendo em conta a moral dos ferroviários, que até seria perigoso, pois talvez nem uma coisa nem outra se conseguiria.

As comissões da C. G. T. e da Federação Marítima poderão, apreciadas as modalidades morais e industriais de cada classe, achar a forma prática, não apenas de organizar-se a Federação de Transportes, mas igualmente a dar a cada classe a estrutura orgânica mais em harmonia com as suas necessidades e interêsses, tendo em vista o bem-estar de todas.

Julgamos ter já contribuído com elementos bastantes para a solução do assunto e se acha necessário que concretize, direi desde já que se poderá trabalhar para a organização da Federação de Transportes de Terra e Mar, podendo desde o seu início fazer parte dêsse organismo o pessoal das carris de ferro, como poderoso elemento de ligação, que não enfraquecerá a Federação Ferroviária, pelo facto de não fazer parte da mesma.

Quanto às classes do correio, telégrafo e telefones, mantenho a opinião de que poderão criar um organismo autónomo de funções federativas.

M. J. de SOUSA

Caixa Geral de Depositos

Durante os meses de Julho a Outubro do corrente ano a Caixa Geral de Depositos emitiu 47.115 cheques de transferência de fundos no montante de Esc. 66:951.306$23, tendo pago no mesmo periodo 45.394 cheques representativos de Esc. 66:214.446$79.

Como é sabido, o prêmio desta operação é de cincoenta centavos ou um escudo por mil escudos a transferir, conforme as localidades onde são emitidos e pagos os cheques.

A arte e os artistas

A exposição anual de aguarelas é pior que a do ano passado, mas muito pior

O salão da Sociedade Nacional de Belas Artes, dessa sociedade que tem dado que falar últimamente, estava ontem, dia da abertura da exposição anual de aguarelas, frio e sombrio, como um túmulo.

Um ou outro raro frequentador olhava tristemente os tristes cartões, pendentes das paredes. A atmosfera que se respirava na Sociedade era de solidão, de melancolia, de abandono. Dir-se-ía que os habituais frequentadores dos certamens de arte perderam todo o interêsse pelas obras dos que todos os anos expõem pacientemente a paisagem de verdes campos, os barquinhos atracados, e as florinhas, as velhas florinhas que nestes últimos anos teem atravessado heróicamonte todas as exposições.

E fizeram bem os que amam a Beleza em não aparecer no frio casarão onde a arte não pode viver sem ar, sem luz, sem calor. As cóleras do sr. Bermudes não bastam para aquecer o valor artístico das exposições de velhos e *jovens velhos* que teimam em parecer artistas. Fizeram bem em não aparecer os que pelo arte se interessam.

A exposição de aguarelas é constituida na sua maior parte pelos quadros do ano passado, acompanhados de alguns trabalhos inéditos que é como se não o fossem, dada a banalidade do assunto e da estreiteza de vistas dos outros, qualidades que não atraem, que nada nos dizem, que nos deixam frios, mais frios que o ambiente do salão triste da triste Sociedade Nacional de Belas Artes.

Foi má a exposição de aguarelas de há dois anos; foi pior a do ano passado e a dêste é... pior do que pior.

O sr. Roque Gameiro, o velho aguarelista tam festejado, faz o possível por manter-se, mas não pode dar-nos mais do que já nos deu. Resta-lhe agora a decadência, que já se iniciou. E os outros, os outros parece que nasceram decadentes. A sua pintura não tem vida. Só é obra de arte aquela que vive, que vibra e nos entusiasma. Não há, afinal, uma manifestação de vida no salão das Belas Artes; não há arte na Sociedade Nacional de Belas Artes.

Leitão de Barros persiste na sua pinturinha fina, muito fina. Apresentou outem um quadro de assunto — de assunto ofino — mas é de assunto, enfim. Felicitamo-lo. O seu assunto é pobre, o seu assunto é o assunto duma obra dum escritor fino, dum escritor de toucador, dum escritor para mulheres que além de ter escrito um livro intitulado «Mulheres», escreveu tambem a «Ceia dos Cardiais». O assunto do quadro de Leitão de Barros é a «Ceia dos Cardiais». E' uma aguarela de grandes dimensões com um cardial, alto, grande, que possui uma grande mão. Os dois cardiais, que sentados se conservam cabisbaixos, são tam parecidos, tam parecidos... O restante o é habitual de Leitão de Barros, um *interior* fino, dos mais finos que tem feito; a maneira, a técnica esbatidinhas, as côres a sumir se umas nas outras, delicadamente, discretamente; a luz do candieiro a tirar aqui e acolá aquelas reflexos que nós conhecemos, que dão tanto efeito e fazem exclamar as meninas casadoiras:

— Que interessante! Que finol...

Emfim, como numa terra de cegos, quem tem um olho é rei, Leitão de Barros teve um assunto, Leitão de Barros é, dentro do salão triste da triste Sociedade, o rei do assunto.

Depois, depois... Maria Matos Braancamp é uma criatura de espírito. Os seus *Coelhos* estão bem tratados... *As cabeças dramaticas* que no catalogo tem o n.º 48, são realmente dramaticas; elas constituem um drama em vários actos que não fazendo chorar, há um, porém, que faz sorrir. E' uma cabeça que está ao alto, à direita; cuja expressão quer dizer angustia, mas é capaz.

O n.º 28, da mesma autora, intitulado «Um araparica do campo» é alguma cousa, que está perdendo o seu valor na companhia daqueles assuntos ôcos, sem vida e sem arte, que meia duzia de «artistas», tiveram a vaidade de expôr.

Nesta exposição só temos a aplaudir o público que, pressentindo talvez a vacuidade de tudo aquilo, se deixou ficar em casa a deitar contas à vida — porque a carestia obriga...

Mário DOMINGUES